

# O SUJEITO E SUAS PAIXÕES: UMA LEITURA SEMIÓTICA DO PERCURSO PASSIONAL DO ENUNCIADOR DO SALMO 73

**DOMINGOS DE SOUSA MACHADO\***

Universidade Estadual do Piauí (Uespi), Teresina, PI, Brasil.


Recebido em: 30 maio 2024. Aprovado em: 27 set. 2024.

Como citar este artigo: MACHADO, D. D. S. O sujeito e suas paixões: uma leitura semiótica do percurso passional do enunciador do salmo 73. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 24, n. 3, p. 72-88, set./dez. 2024. DOI: 10.5935/cadernosletras.v24n3p72-88

## Resumo

Caucionado na teoria da semiótica das paixões de Greimas e Fontanille (1993), este artigo tem o objetivo de mostrar como a semiótica discursiva estuda a questão das paixões humanas, salientando assim sua perspectiva inovadora ao tratá-las não como meros sentimentos, temperamentos humanos ou pulsões afetivas do sujeito empírico, mas como estados de alma do sujeito discursivo decorrentes de sua modalização nos enunciados de estado. À guisa de exemplificação, analisamos, sob esse prisma, o percurso passional do enunciador do salmo 73, descrevendo a história passional do sujeito, marcada pelo imbricamento de várias paixões que vão da inveja à resignação e da resignação à paciência ou espera paciente.

---

\* E-mail: [domingossousa@cchl.uespi.br](mailto:domingossousa@cchl.uespi.br)  
 <https://orcid.org/0000-0001-8744-8817>

## Palavras-chave

Semiótica discursiva. Paixões. Salmo 73.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Uma das seções mais conhecidas da Bíblia Sagrada é a poética, que engloba os livros de Jó, Salmos, Provérbios, Cantares e Eclesiastes. Em conjunto, esses livros constituem uma expressão artístico-literária da poesia hebraica clássica. Merece destaque especial o livro de Salmos por ser, sem dúvida, um dos mais lidos e mais apreciados pelos leitores religiosos e não religiosos. Esse livro<sup>1</sup> consta na seção do Antigo Testamento e é formado por uma coletânea de 150 poemas-canções de natureza religiosa, que são reflexos das experiências do antigo povo hebreu com seu monoteísmo.

Nos Salmos, o leitor se defronta com múltiplas experiências religiosas que descrevem os mais profundos estados de alma, como decepção, tristeza, frustração, insegurança, medo, ira, culpa, satisfação, gratificação, exultação, alegria etc., experiências sempre marcadas por diversas expressões de fé e esperança no Deus de Israel. Assim, nesse livro, o coração do povo hebreu é desnudado perante os olhos do leitor. E como as experiências religiosas são, por excelência, o cenário de manifestação das paixões humanas, entendidas aqui como “estados de alma”, estas tornam-se assim um objeto pertinente para análise semiótica.

É importante ressaltar que a relação da semiótica de Greimas com o discurso bíblico é bastante antiga e muito proveitosa heurísticamente. Iniciou-se em 1968, no Grand Seminaire de Versailles, quando Greimas se encontrou com um grupo de estudiosos bíblicos, mas consolidou-se com a publicação da obra *Du sens* (1970), de Greimas. Apesar das flagrantes divergências epistemológicas entre esses dois campos de pesquisa, o diálogo entre a semiótica e os estudos bíblicos tem produzido muitos e significativos resultados<sup>2</sup>.

1 Quando nos referirmos ao livro dos Salmos, usaremos o termo no plural e com inicial maiúscula. Mas a referência ao poema 73 será em inicial minúscula e no singular: salmo 73.

2 No Brasil, por exemplo, além de inúmeros artigos em revistas eletrônicas, esse intercâmbio bem-sucedido aparece em várias dissertações e teses, como Ramos (2004), Silva (2007, 2011), Jadon (2009), Postal (2010), Demarchi (2015), Cardoso (2017) e Machado (2022), defendidas em diversas universidades.

Nessa perspectiva, no presente trabalho, abordamos o modo como a teoria de Greimas, especificamente a semiótica das paixões, trata a questão das paixões humanas no discurso, e fazemos isso a partir da análise do percurso passional do enunciador do salmo 73, em que procuramos evidenciar os estados de alma desse sujeito que se debruça no texto em análise, visto que é, sob a forma de arranjos sintagmáticos, que se organizam as qualificações modais que determinam os estados subjetivos.

O referencial teórico que subsidia nossas análises constrói-se em diálogo com autores como Greimas (2014), Greimas e Fontanille (1993), Bertrand (2003), Barros (1990) e Fiorin (2007a, 2007b). Tais análises revelam que a história passional do sujeito do salmo 73 é marcada por um imbricamento de várias paixões, que vão da inveja à resignação, e da resignação à paciência, isto é, à espera paciente.

## AS PAIXÕES HUMANAS À LUZ DA SEMIÓTICA DISCURSIVA

Segundo Barros (1990), a semiótica, em seu percurso de desenvolvimento teórico, depois de descrever a ação narrativa em que se destaca o papel da competência do sujeito,

[...] dedicou-se ao trabalho do exame da relação intersubjetiva de manipulação entre o destinador e o destinatário, quando, então, enveredou pelo caminho da modalização, já antes pressentida na definição da competência do sujeito operador (Barros, 1990, p. 60).

Depois da análise das modalizações do fazer, era natural que a semiótica passasse a se interessar, portanto, pela modalização do ser. E é nesse sentido que nasce seu interesse pelas paixões. As paixões que sempre despertaram o interesse de diversas áreas do saber humano, como a retórica, a filosofia, a religião, a psicologia, a psicanálise etc., cujos objetivos em geral se restringiam, sobretudo, à taxonomia e à explicação psicologizante desse fenômeno humano, ganham na semiótica greimasiana um tratamento semântico. Em outras palavras, as paixões são tratadas não como um componente psicoemocional do sujeito empírico, mas como “[...] efeitos de sentido de qualificações modais que modificam o sujeito” (Barros, 1990, p. 60), entendido como sujeito de papel, discursivo, criado na linguagem e pela linguagem, e não como o sujeito real.

Ao reconhecer que todo discurso resulta das interações humanas e é perpassado pelo componente patêmico ou passional, a semiótica compreenderá as paixões como “estados de alma do sujeito” afetado por sua modalização nos enunciados de estado. Consequentemente, sob esse viés teórico, as paixões passam a ser analisadas no texto como “[...] efeitos de sentido das compatibilidades e incompatibilidades das qualificações modais que modificam o sujeito de estado. Essas qualificações organizam-se sob a forma de arranjos sintagmáticos” (Fiorin, 2007b, p. 11). Logo, a semiótica, ao examinar as paixões, não faz um estudo dos caracteres e dos temperamentos humanos, mas considera os efeitos afetivos ou passionais do discurso que resultam da modalização do sujeito de estado.

## O PERCURSO PASSIONAL DO ENUNCIADOR NO SALMO 73<sup>3</sup>

Fornecidas as informações preliminares acerca da natureza do discurso bíblico-literário dos Salmos e determinado o nosso instrumental teórico-metodológico, doravante passamos à apresentação e análise passional do salmo 73.

Esse salmo tradicionalmente tem sido atribuído a Asaph, que, segundo Kidner (1980), foi um dos principais músicos de Israel no período do reinado davídico. De natureza sapiencial, o salmo é uma reflexão acerca de um dos problemas que mais incomodam a humanidade: o sofrimento dos bons e a prosperidade dos maus. Em outras palavras, o grande drama abordado na poesia é: por que os maus prosperam e os bons sofrem? O salmista mostra-se perturbado com seu próprio sofrimento; contudo, o que o deixa mais perplexo ainda é observar que, enquanto ele, que se considerava justo, enfrentava sofrimentos, os maus prosperavam. Nesse dilema, o sujeito é tomado pela paixão da inveja da prosperidade dos ímpios e de amargura pela decepção com seu Deus, e quase deseja estar no lugar deles. É somente quando compreende o destino dos injustos que passa a aceitar resignadamente seu próprio sofrimento e a buscar sentido em Deus.

3 É pertinente salientar que a análise que fazemos deste salmo se dá a partir de uma tradução do texto hebraico de partida para a língua portuguesa, a versão Nova Almeida Atualizada (NAA). Sua escolha se deu pelo fato de ser uma tradução baseada tanto nos princípios formais de tradução como nos de equivalência semântica. Contudo, estamos cientes de que, conforme postulam Greimas e Courtés (2016, p. 508), a tradução é uma atividade de interpretação e produção de sentidos, pois “falar do sentido é ao mesmo tempo traduzir e produzir significação”. Consequentemente, os sentidos do texto de chegada podem ou não corresponder exatamente aos sentidos do texto de partida.

No final de seu texto sobre a cólera, Greimas (2014, p. 253) faz uma “[...] distinção entre o discurso da paixão e o discurso apaixonado”. Fiorin (2007b, p. 6) explica que a distinção entre um e outro diz respeito ao fato de que “[...] a Semiótica estuda as paixões manifestadas tanto na enunciação quanto no enunciado”. Na enunciação, temos o discurso apaixonado, quando das marcas deixadas pelo processo do dizer no dito depreende-se um tom passional; por outro lado, no enunciado, acontece o discurso da paixão, quando esse estado de alma é representado ou referido no discurso. A representação acontece quando a paixão é figurativizada pelos modos de ser e fazer, e é referida quando se menciona que alguém é dotado de um dado estado de alma. Neste último caso, a análise passional se deve dar a partir da definição lexemática, como fez Greimas (2014) em sua análise da cólera.

Nossa análise do percurso passional do salmo 73 se restringirá a duas paixões referidas no nível do enunciado – inveja e amargura – e duas no nível da enunciação – no discurso apaixonado, no qual a paixão é depreendida pelo tom passional – a resignação e a paciência ou espera paciente.

Os versos de 1 a 23 e de 23 a 28 são, respectivamente, o seguimento inicial e o seguimento final da reflexão sapiencial sobre a prosperidade das pessoas más. É dos versos 2 a 22 que se desenvolve todo o dilema do sujeito. Ele começa satisfeito e admitindo que Deus é bom para com os justos e bons. O sujeito está muito certo disso, pois aprendeu o que significa a verdadeira bondade de Deus.

A satisfação marca o início do percurso passional do sujeito que se estriba na bondade de Deus para com os justos: “De fato, Deus é bom para com Israel, para com os de coração limpo” (Salmos 73:1 – NAA, 2017, p. 449). O *Dicionário Aurélio* (Ferreira, 2004) define a paixão da “satisfação” em três acepções: “1. Ato ou efeito de satisfazer(-se); contentamento. 2. Contentamento, alegria, deleite, aprazimento. 3. Pagamento, recompensa, retribuição”.

Como essas três acepções reúnem enunciados de estado (efeito de satisfazer(-se), contentamento, alegria, deleite) e enunciados de fazer (ato de satisfazer(-se), apaziguamento, pagamento, recompensa, retribuição), cumpre considerar a “satisfação” um estado passional decorrente não apenas de um simples fazer, mas também de um fazer de caráter sancional positivo (pagamento, recompensa, retribuição) aplicado à performance do sujeito cumpridor de um contrato.

Na verdade, o fazer sancionador não precisa realizar-se de fato. Para o estabelecimento do estado passional da “satisfação”, basta que o sujeito a ser sancionado creia na força do contrato e na motivação e competência do sancionador e tenha a intenção de não se desviar um milímetro das cláusulas desse

contrato. Atendidas essas condições, o sujeito pode imaginar-se gratificado e sentir-se satisfeito já no ponto de partida de seu percurso, pois a crença na lógica que regula o contrato e na competência e motivação que o regem é de tal ordem que não pode haver dúvida sobre a realização do sujeito. Obstinado a cumprir sua parte no contrato, tal sujeito pode antecipar o estado de sua satisfação futura, uma vez que avalia como necessários (dever-ser) o pagamento, a recompensa e a retribuição pela conduta assumida.

Entretanto, o estado passional de satisfação no salmo 73 vê-se abalado quando o sujeito é atacado por uma crise de fé. No verso 3, o sujeito narra essa crise ao enunciar que houve um tempo em que ele mesmo quase não pôde acreditar na bondade de Deus ao constatar que, enquanto sofria as vicissitudes da vida, os maus prosperavam. Logo em seguida, a paixão da inveja é referida no enunciado: “Pois eu invejava os arrogantes, ao ver a prosperidade dos maus” (Salmos 73:3 – NAA, 2017, p. 449).

Conforme Greimas e Fontanille (1993, p. 176), a inveja nos dicionários consultados por esses autores possui duas configurações: pode ser um sentimento de tristeza, de irritação ou de ódio contra quem possui um bem que não temos e, de outro lado, pode ser o desejo de gozar de uma vantagem, de um bem igual ao de outrem. Assim, como comentam os autores, é a rivalidade que se estabelece entre a relação polêmica e a relação de objeto. O *Dicionário Aurélio* (Ferreira, 2004) assim registra a definição da inveja: “1. Desgosto ou pesar pelo bem ou pela felicidade de outrem. 2. Desejo violento de possuir o bem alheio”.

Note que o invejoso tanto pode ficar triste pelo que o outro tem quanto pode desejar ter o que o outro possui. Como argumentam Greimas e Fontanille (1993), a característica particular da inveja é só poder manifestar uma relação por vez: ou a relação polêmica, isto é, desejar que o outro não possua o que tem, ou a relação de objeto, ou seja, desejar possuir o que tem o outro.

É importante salientar o papel mediador da relação focalizada, como destacam os autores. Na inveja de tipo  $S_1/S_2$ , em que se dá a relação polêmica, o actante objeto mediatiza a inveja de  $S_1$  com relação a  $S_2$ . Por outro lado, na inveja  $S_1/O$ , o actante  $S_2$  mediatiza a inveja de  $S_1$ . Nesse sentido, o papel do mediador poderia ser interpretado a partir do objetivo do sujeito  $S_1$ : através do O,  $S_1$  visa  $S_2$  e, através de  $S_2$ ,  $S_1$  visa ao objeto<sup>4</sup>.

4 Consoante podemos notar no texto, o enunciador que se debruça subjetivamente como o *eu* e estabelece o *tu*, seu leitor, também organiza seu texto na relação que cria por meio da debreagem enuncia com o *ele* e com o *eles*. O enunciador institui Deus como o *Ele* e os maus ou injustos como o *Eles*, de quem

Conforme destaca Barros (1990), na inveja, há essa explicitação do dobramento polêmico em que o /querer-ser/ implica querer que o outro não seja. Assim, o sujeito disjunto de um objeto de valor quer não apenas o objeto que o outro tem como também a disjunção do sujeito com o referido objeto. A inveja, na sua dupla relação no salmo 73, pode ser assim descrita:

$$S_1 \text{ querer } (S_3 \rightarrow S_1 \cap Ov \rightarrow S_2 \cup Ov)$$

$S_1$ , o enunciador, quer que  $S_3$ , Deus, o sujeito do fazer, coloque-o em conjunção com o objeto de valor, a prosperidade, e não apenas isso, também quer que  $S_3$  coloque  $S_2$ , os maus, em disjunção com o objeto de valor. Essa conjunção, acompanhada de disjunção, resume a dupla definição cultural e semiótica da paixão da inveja.

No nível da superfície discursiva, como podemos notar no salmo em análise, o sujeito disjunto do objeto prosperidade quer essa conjunção; por essa razão, inveja o outro sujeito (os maus), por estar em conjunção com o objeto desejado, segundo podemos ver nos excertos a seguir:

Quanto a mim, porém, quase me resvalaram os pés; pouco faltou para que se desviassem os meus passos. Pois eu invejava os arrogantes, ao ver a prosperidade dos maus. Para eles não há preocupações, o seu corpo é forte e sadio. Não partilham das canseiras dos mortais, nem são afligidos como os outros homens (Salmos 73:2-5 – NAA, 2017, p. 449).

A inveja, na relação de objeto, pode ser assim formulada:

$$S_1 \text{ querer } (S_1 \cap Ov \rightarrow Ov \cup S_2)$$

$S_1$ , o sujeito invejoso, disjunto do objeto de valor (no caso, a prosperidade ou bem-estar dos ímpios), inveja a conjunção de  $S_2$  com esse objeto de valor e quer, portanto, essa conjunção. No texto em apreço, a conjunção não se dá e, por essa razão, se vê uma segunda relação da inveja conotada no discurso, quando o sujeito mostra que não apenas inveja a conjunção de  $S_2$  com o objeto de valor como também deseja que essa conjunção não aconteça:

---

tem inveja. Nesse sentido, para maior clareza metodológica,  $S_1$  será o enunciador,  $S_2$  os maus e  $S_3$  Deus, o sujeito do fazer. Como se verá mais adiante na análise,  $S_3$  (Deus) desempenhará um papel ambíguo, ora como o sujeito do fazer, ora como objeto do desejo de  $S_1$ .

Zombam e falam com maldade; falam da opressão com arrogância. Abrem a boca para falar contra os céus, e a língua deles percorre a terra. Por isso, o seu povo se volta para eles e os tem por fonte da qual bebe com avidez. Eles dizem: 'Como Deus ficará sabendo? Por acaso o Altíssimo tem algum conhecimento?' Eis que estes são os ímpios; e, sempre tranquilos, aumentam as suas riquezas (Salmos 73:8-12 – NAA, 2017, p. 449).

No excerto, o enunciador mostra-se indignado com essa conjunção, já que  $S_2$ , os maus, não é merecedor dessa conjunção, pois, em suas crenças, apenas os bons são dignos da conjunção com o objeto prosperidade. Na cultura hebraica veterotestamentária, as bênçãos de Deus estavam estreitamente ligadas à prosperidade material e ao bem-estar, por isso o sujeito (que se enxerga como justo e bom), disjunto desse objeto de valor, vê-se perplexo com o estado de  $S_2$ , sobretudo diante de sua condição de sofrimento. Assim,

$$S_1 \text{ querer } (S_2 \cup Ov)$$

Nesse sentido, a inveja é conotada não somente como querer o que o outro tem, uma inveja de objeto em que o mediador é  $S_2$ , o sujeito que está conjunto com o objeto ao qual se deseja conjungir, mas também com o querer que o outro não entre em conjunção com o objeto de valor que se não tem. Neste último caso, conforme Greimas e Fontanille (1993), o objeto de valor não está em foco, isto é, apenas mediatiza a relação polêmica entre  $S_1$  e  $S_2$ .

No percurso passional do texto em análise, nem um nem o outro programa narrativo acontecem, isto é, nem  $S_1$  entra conjunção com o objeto de valor invejado de  $S_2$ , nem  $S_2$  se vê disjunto do objeto de valor, tudo não passa de um tumulto modal do sujeito, marcado por um /querer ser/ + /não poder ser/. Consequentemente, o sujeito é possuído por uma tríade patêmica: frustração, amargura e ressentimento. É o que podemos depreender no excerto a seguir:

Com certeza foi inútil conservar puro o meu coração e lavar as minhas mãos na inocência. Pois o dia inteiro sou afligido e cada manhã sou castigado. Se eu tivesse pensado em falar tais palavras, já aí teria traído a geração de teus filhos, ó Deus. Quando o meu coração estava cheio de amargura e o meu íntimo se comoveu, eu estava embrutecido e sem entendimento (Salmos 73:13-15, 21 – NAA, 2017, p. 449).



Ao observar que os maus prosperavam impunemente e que, por outro lado, seus sofrimentos permaneciam, o sujeito é tomado pela frustração, amargura e ressentimento. Vejamos como essa história passional se desenvolve na imbricação dessa tríada patêmica. Começamos pela frustração, definida no *Dicionário Aurélio* (Ferreira, 2004) como: “1. Ato ou efeito de frustrar-se. 2. Estado daquele que, pela ausência de um objeto ou por um obstáculo externo ou interno, é privado da satisfação de um desejo ou de uma necessidade”.

A frustração foi adequadamente explorada por Greimas na abordagem da cólera, em *Sobre o sentido II*. Esse autor postula que, antes da frustração, pressupõe-se um estado de espera. Na verdade, uma dupla espera. A espera simples e a espera fiduciária. No primeiro caso, é a espera pelo objeto e, no segundo, supõe-se uma relação modal com o sujeito. Na espera simples, um / querer-estar-conjunto/ com o objeto de valor caracteriza o estado modal do sujeito. Assim,

$$S_1 \text{ querer } [S_3 \rightarrow (S_1 \cap Ov)]$$

Por se achar justo, bom ou inocente, o sujeito do salmo 73 espera que  $S_3$ , o sujeito do fazer, nesse caso, Deus, coloque-o em conjunção com o objeto de valor, a prosperidade, a qual se vê, em sua perspectiva teológica, no direito de possuir. A segunda espera é a fiduciária, que é caracterizada pela relação que o sujeito estabelece com o sujeito do fazer. Nesse tipo de espera,  $S_1$  atribui a  $S_3$  uma espécie de modalidade deôntica, um dever-fazer. Na verdade, como destaca Greimas, o que ocorre aqui é um contrato imaginário, um simulacro em que  $S_1$  atribui a  $S_3$  um dever-fazer, isto é, crer que  $S_3$  o colocará em conjunção com o objeto de valor. Logo,

$$S_1 \text{ crer } [S_3 \text{ dever-fazer } (S_1 \cap Ov)]$$

Como isso não acontece, conforme podemos constatar no salmo em análise,  $S_1$  vê-se insatisfeito e, mais do que isso, decepcionado. É o que podemos verificar no seguinte excerto: “Com certeza foi inútil conservar puro o meu coração e lavar as minhas mãos na inocência” (Salmos 73:13 – NAA, 2017, p. 449).

A história passional aqui se faz no imbricamento de uma série de paixões simultâneas como a insatisfação, a decepção e a frustração, que terminam

levando o sujeito a outros estados passionais como a amargura e o ressentimento, efeitos do tumulto modal no nível semionarrativo. Segundo Bertrand (2003, p. 370):

[...] os fenômenos passionais se traduzem no discurso por uma disposição complexa de modalidades, muito frequentemente contraditórias e incompatíveis, criando um verdadeiro tumulto modal, que naturalmente as tipologias por si sós não conseguem explicar.

Insatisfeito e decepcionado com  $S_3$  (Deus), ou melhor, pela quebra do contrato imaginário estabelecido com esse sujeito,  $S_1$  é agora um sujeito decepcionado, visto que sua espera por recompensa, que nesse caso é a conjunção com o objeto prosperidade e bem-estar, não acontece. A semântica da decepção é definida assim no *Dicionário Aurélio* (Ferreira, 2004): “1. Malogro de uma esperança; desilusão, desengano, desapontamento. 2. Surpresa desagradável; desapontamento. 3. Contrariedade, desgosto”.

Só há decepção mediante um contrato ou simulacro de um contrato entre os participantes. Essa decepção já foi preliminarmente marcada por uma espera fiduciária em que  $S_1$  crer [ $S_3$  dever-fazer ( $S_1 \cap Ov$ )].  $S_1$ , o salmista, acredita que Deus tem o dever de colocá-lo em conjunção com a prosperidade. Quando constata que tal fazer não acontece e que aqueles que não são dignos entram em conjunção com o cobiçado objeto de valor,  $S_1$  se decepciona com  $S_3$  e precipita-se na desilusão e amargura de alma. Mais uma vez, a paixão é referida no nível discursivo do texto: “Quando o meu coração estava cheio de amargura e o meu íntimo se comoveu, eu estava embrutecido e sem entendimento” (Salmos 73:23 – NAA, 2017, p. 449).

Notemos como o *Dicionário Aurélio* (Ferreira, 2004) define a amargura nas seguintes acepções: “1. amargor (1). 2. Fig. Tristeza, sofrimento, mágoa; amargor: 3. Fig. Sofrimento arraigado de dor e ressentimento; acrimônia, azedume; amargor”. Conforme destaca Greimas (2014) na análise da cólera, a amargura e seus parassinônimos como mágoa, amargor, tristeza e sofrimento são bons exemplos de uma cólera suspensa, isto é, que ainda não evoluiu para desdobramentos pragmáticos como a ira, a raiva e a vingança. No percurso passional do texto, como se sabe, isso não ocorrerá. Como se trata de um discurso passional, em que o sujeito narra sua experiência figurativizada, a amargura não terá desdobramentos pragmáticos, embora o sujeito inicie o texto dizendo que: “Quanto a mim, porém, quase me resvalaram os pés; pouco

faltou para que se desviassem os meus passos” (Salmos 73:2 – NAA, 2017, p. 449). Ou seja, conquanto acreditasse que “o Senhor é bom para os justos”, ao observar a prosperidade dos ímpios e ser alvo de sofrimentos constantes, o sujeito quase tropeçou, isto é, quase passa para o lado dos maus, o que seria um desdobramento da amargura e uma espécie de vingança por não ter sido satisfeito em suas expectativas.

É importante destacar que à amargura sucede o ressentimento. De acordo com Fiorin (2007b, p. 14), “[...] na língua, as paixões recobrem-se umas às outras e, muitas vezes, é difícil distingui-las entre si. O ressentimento confunde-se com a amargura, com a inveja, com o rancor, com a decepção e assim por diante”. O *Dicionário Aurélio* (Ferreira, 2004) lexicaliza assim o ressentimento: “1. Ato ou efeito de ressentir (-se)” e o ressentido é o sujeito “1. Melindrado, magoado, ofendido, ressabiado. 2. Que se melindra ou ressent com facilidade. 3. Que sofreu os efeitos de abalo, dano ou moléstia”.

Como podemos ver, o ressentido é o sujeito magoado, não apenas com o outro que supostamente frustrou suas expectativas, mas, sobretudo, consigo mesmo por ter acreditado, por ter depositado tanta confiança; e não somente isso, o sujeito ressentido é aquele que, cada vez que se lembra da decepção, sente sua dor, sua amargura, e ainda se vê tomado pela mesma confusão mental que o atormentara na decepção. Como explica Fiorin (2007b, p. 14), “[...] o ressentimento é a consciência aguda e reiterada dessa falta (o fato de lembrar-se com animosidade dos males, das ofensas que se sofreu como se os ‘sentisse’ ainda”. Esse autor nos lembra também que o ressentimento é, em suma, resultante não da falta do objeto não conjugido, mas da quebra do contrato fiduciário, da confiança frustrada. Contudo, é sempre importante lembrar que esse contrato é apenas imaginário, isto é, algo que  $S_1$  projetou sobre  $S_3$ , o sujeito do fazer. É o que se pode observar no excerto a seguir: “Com certeza foi inútil conservar puro o meu coração e lavar as minhas mãos na inocência” (Salmos 73:13 – NAA, 2017, p. 449).

O modalizador adverbial, “inutilmente”, destaca a frustração de  $S_1$ , que esperava uma sanção positiva da parte de  $S_3$  por manter seu coração puro e por fugir dos pecados que aborrecem a  $S_3$ . Em termos teológicos, podemos dizer que a noção de justiça retributiva, isto é, a ideia de que Deus retribui às pessoas conforme seus atos merecem, é aqui abalada, já que “o justo” tem tribulações e “os maus”, prosperidade.

Mas algo acontece na história passional do sujeito do discurso do salmo 73, visto que a tríade patêmica – frustração, amargura e ressentimento – não

teve seu desfecho natural na ira, raiva ou cólera. Surpreendentemente, o que acontece no verso 17 muda a direção da história passional. Como podemos notar no excerto a seguir: “até que entrei no santuário de Deus e descobri qual seria o fim deles” (Salmos 73:17 – NAA, 2017, p. 449).

Doravante, o sujeito é tomado pela paixão da resignação e da consequente espera paciente. Conforme o *Dicionário Aurélio* (Ferreira, 2004), a resignação é: “a) renúncia espontânea de uma graça ou de um cargo; e b) submissão paciente aos sofrimentos da vida”. A resignação no discurso do salmo é gerada não pela simples renúncia da “graça da prosperidade”, objeto de valor do qual o sujeito estava disjunto, mas, sobretudo, por perceber que seu ressentimento em relação a  $S_3$  não fazia sentido, uma vez que a prosperidade de  $S_2$  é transitória e se constitui em todo bem que os maus possuem na terra.  $S_1$  chega a essa conclusão ao perceber que o futuro de  $S_2$  será nefasto quando  $S_3$  (Deus) se levantar para julgar os maus por sua maldade:

Tu certamente os pões em lugares escorregadios e os fazes cair na destruição. Como são destruídos num instante! São totalmente aniquilados de terror! Como acontece com o sonho, quando alguém acorda, assim, ó Senhor, ao despertares, desprezarás a imagem deles (Salmos 73:18-20 – NAA, 2017, p. 449).

Enquanto o objeto prosperidade é tudo que  $S_2$  tem, bem transitório e passageiro, o que o aguardava no futuro são o sofrimento e a rejeição por  $S_3$ . Ao vislumbrar o papel narrativo de Deus como o destinador julgador, isto é, o juiz justo que premia os bons e castiga os maus,  $S_1$  vê sua relação com o sujeito do fazer pacificada, pois acredita que os maus serão sancionados negativamente em virtude de suas maldades. Além disso,  $S_1$  descobre que, enquanto  $S_2$  tem apenas “coisas”, ele tem em  $S_3$  seu verdadeiro objeto de valor, eterno, imutável e irremovível. Logo, sintagmaticamente, o estatuto de  $S_3$  vai além do de sujeito destinador ou sujeito do fazer, pois se transforma também no verdadeiro objeto de valor de  $S_1$ . É o que revela o seguinte excerto:

No entanto, estou sempre contigo, tu me seguras pela minha mão direita. Tu me guias com o teu conselho e depois me recebes na glória. Quem tenho eu no céu além de ti? E quem poderia eu querer na terra além de ti? Ainda que a minha carne e o meu coração desfaleçam, Deus é a fortaleza do meu coração e a minha herança para sempre. Os que se afastam de ti certamente perecerão; tu destróis todos os que são infiéis para contigo. Quanto a mim, bom é estar perto de Deus; faço do Senhor Deus o meu refúgio, para proclamar todas as suas obras (Salmos 73:23-28 – NAA, 2017, p. 449).

$S_3$  é agora, no percurso passional de  $S_1$ , o verdadeiro objeto desejado. Deus deixa de ser, pela óptica do salmista, injusto por conceder prosperidade aos maus e permitir sofrimentos ao salmista e passa a ser a verdadeira riqueza que sempre esteve à disposição do reclamante.  $S_1$  agora superou sua inveja de  $S_2$ , pois percebeu que sua prosperidade, embora não material, era infinitamente superior àquela que invejava nos ímpios, pois, como vimos, afirma resignadamente: “Quem mais tenho eu no céu? Não há outro em quem eu me comprouza na terra”.

Assim, conforme podemos perceber, o estatuto de Deus ( $S_3$ ) apresenta certa ambiguidade. Se por um lado ele é o destinador de  $S_1$ , com o qual este referenda e reedita o contrato de confiança, por outro lado, depois da crise de confiança, é transformado em objeto de valor de  $S_1$ , chegando este a dizer: “<sup>25</sup>Quem tenho eu no céu além de ti? E quem poderia eu querer na terra além de ti?”. Desse modo, pacificada sua relação imaginária com o destinador,  $S_2$  vê-se resignado. A resignação aparece assim lexicalizada no *Dicionário Aurélio* (Ferreira, 2004): “1. Ato ou efeito de resignar (-se). 2. Renúncia espontânea de uma graça ou de um cargo. 3. Submissão paciente aos sofrimentos da vida”.

$S_1$  passa a aceitar os sofrimentos da vida com submissão paciente. Esse estado passional deriva de dois aspectos fundamentais do contrato entre destinador e destinatário: a) primeiro, por saber que os maus terão o seu castigo no devido tempo, o que não deixa de ser uma espécie de justificação que  $S_3$  fará a  $S_1$ , vingando-se dos “maus” e premiando os “justos”; e b) segundo, por transformar  $S_3$  em seu verdadeiro objeto de valor e de deleite: “<sup>25</sup>Não há outro em quem eu me comprouza na terra”.

Embora transformado em objeto de valor de  $S_1$ ,  $S_3$  ainda mantém seu estatuto de sujeito do fazer sancionador, visto que, como a ordem de valor no mundo da transitoriedade é uma e, no da eternidade, é outra,  $S_3$  é sujeito do fazer que assegura a  $S_1$  a conjunção com os “verdadeiros” valores, os eternos. Além disso, o /saber/ sobre dois tipos de prosperidade opostos (e excludentes entre si) constitui-se o motivo da “reafirmação” do contrato, pois quem tem, no momento da enunciação, a prosperidade transitória não terá a eterna, e vice-versa. Nesse sentido, a resignação deve ceder lugar para a paciência ou compor com ela uma espera paciente. Ainda segundo o dicionário supracitado, a paciência é: “1. Qualidade de paciente. 2. Virtude que consiste em suportar as dores, incômodos, infortúnios etc., sem queixas e com resignação. 3. Perseverança tranquila”.

O sujeito, agora resignado, é tomado pela paixão da paciência ou da perseverança tranquila. O tumulto modal cede lugar a uma paixão simples e pode

se dizer que, no “mundo real”, o sujeito conturbado pela inveja e abalado pela crise de confiança em Deus encontra sua paz na paciência, ou seja, aprende a perseverar tranquilamente sem se permitir ceder lugar às convulsões de um espírito abalado. Sua resposta não está na desespirtualização, muito pelo contrário, está na espirtualização mais profunda, uma vez que a prosperidade material, embora preserve o estatuto de valor para o sujeito, perde importância no campo dos seus interesses, que passam agora a estar voltados intensa e quase exclusivamente para Deus.

Diante de tal estado modal, acontece o terceiro estágio da análise passional: a moralização.  $S_1$  se autocensura por sua inveja de  $S_2$ , os maus, e por sua desconfiança na justiça de  $S_3$ , Deus, quando diz: “Quando o meu coração estava cheio de amargura e o meu íntimo se comoveu, eu estava embrutecido e sem entendimento; era como um animal diante de ti” (Salmos 73:21-22 – NAA, 2017, p. 449).

No excerto, o sujeito entende que o seu caminho é o da espera paciente em Deus, visto que duvidar é quebrar o contrato, é afastar-se do destinador, negar-lhe a ascendência, romper o elo da fé, a verdadeira essência do contrato. Questionar as fases de constituição de Deus como sujeito do fazer (manipulação, competência, performance e sanção), sua sabedoria, sua bondade ou seus desígnios, é negá-lo, é sinal de desespirtualização, embrutecimento, ignorância e irracionalidade.

No processo de moralização, o sujeito “cora” de vergonha por seu autoengano e sua inveja descabida. O efeito de sentido é de vergonha e, ao mesmo tempo, de satisfação por “tudo ter terminado bem”, pois assim conclui o salmista: “Quanto a mim, bom é estar perto de Deus; faço do Senhor Deus o meu refúgio, para proclamar todas as suas obras” (Salmos 73:28 – NAA, 2017, p. 449). É nesse estado de confiança e satisfação que o sujeito abre seu discurso no referido salmo: “<sup>1</sup>De fato, Deus é bom para com Israel, para com os de coração limpo”.

A história passional do sujeito do salmo 73 é marcada por um imbricamento de várias paixões que vão da inveja à resignação e, finalmente, da resignação à satisfação.

Conforme podemos perceber, ao contrário do percurso da cólera descrito por Greimas (2014), nossa análise do salmo 73 revela a possibilidade do restabelecimento do contrato antes mesmo de sua completa ruptura, num ato de violência incontida perpetrado pelo sujeito decepcionado contra o seu destinador-manipulador. O percurso passional que acompanhamos evidencia a

ambivalência das funções narrativas manifestadas por Deus que, como vimos, exerce não apenas os papéis de destinador-manipulador e destinador-sancionador, mas também o papel de objeto de valor visado intensamente pelo sujeito. É nessa função actancial de Deus como objeto-fim que o sujeito no discurso do salmo, conturbado pelo tumulto passional, encontra seu estado mais demorado e final: o da espera paciente e plena de satisfação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, mostramos como a semiótica francesa lida com o fenômeno das paixões humanas. Sua proposta inovadora considera que todo discurso resulta das interações subjetivas e é constituído por um conteúdo patêmico, isto é, não há discurso sem conotação passional. Entretanto, a semiótica distingue entre o discurso da paixão e o discurso apaixonado, pois o primeiro acontece no enunciado enquanto o segundo é construído na enunciação.

A semiótica, diferentemente da filosofia, da retórica, da psicologia ou da psicanálise, não vê as paixões como sentimentos, afetos, temperamentos humanos ou pulsões afetivas do sujeito empírico, mas como “estados de alma do sujeito” afetado por sua modalização nos enunciados de estado. Comprometidas com o “princípio da imanência”, as paixões em semiótica são de papel, isto é, são efeitos de sentido das compatibilidades e incompatibilidades das qualificações modais que modificam o sujeito de estado.

Em nossa análise do salmo 73, evidenciamos que a história passional do sujeito desse poema hebraico é marcada por um imbricamento de várias paixões que vão da inveja à resignação e da resignação à paciência, isto é, à espera paciente.

## The subject and his passions: a semiotic reading of the passionate path of the enunciator of psalm 73

### Abstract

Based on the theory of semiotics of passions by Greimas and Fontanille (1993), this article aims to show how Discursive Semiotics approaches the issue of

human passions, thus highlighting its innovative perspective by treating them not as mere feelings, human temperaments or affective drives of the empirical subject, but as states of mind of the discursive subject resulting from their modalization in state statements. By way of example, we analyze, from this perspective, the passionate path of the enunciator of psalm 73, describing the subject's passionate history marked by the overlapping of several passions ranging from envy to resignation and from resignation to patience or patient waiting.

## Keywords

Discursive semiotics. Passions. Psalm 73.

## REFERÊNCIAS

- BARROS, D. L. P. de. Paixões e apaixonados: exame semiótico de alguns percursos. *Cruzeiro Semiótico*, Porto, v. 11/12, p. 60-73, 1990. Disponível em: <http://felsemiotica.com/descargas/cruzeirosemiotico1112.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2022.
- BERTRAND, D. *Caminhos da semiótica literária*. Bauru: Edusc, 2003.
- BÍBLIA SAGRADA. Edição revista e atualizada no Brasil; Nova Almeida atualizada. 3. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.
- CARDOSO, D. de A. *Corpo e presença na Bíblia Sagrada*. 2017. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
- DEMARCHI, G. *Da paixão à ressurreição: uma análise semiótica*. 2015. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- FERREIRA, A. *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio versão 5.0*. São Paulo: Positivo, 2004.
- FIORIN, J. L. Paixões, afetos, emoções e sentimentos. *Cadernos de Semiótica Aplicada*, Araraquara, São Paulo, v. 5, n. 2, dez. 2007a. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/article/view/541/462>. Acesso em: 20 jan. 2024.
- FIORIN, J. L. Semiótica das paixões: o ressentimento. *Revista de Linguística Alfa*, São Paulo, v. 51, n. 1, p. 9-22, 2007b. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1424/1125>. Acesso em: 20 maio 2024.
- GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.



GREIMAS, A.; FONTANILLE, J. *Semiótica das paixões*: dos estados de coisas aos estados de alma. São Paulo: Ática, 1993.

GREIMAS, A. *Sobre o sentido II*: ensaios semióticos. São Paulo: Edusp, 2014.

JADON, J. C. *Sucesso e salvação* – estudo semiótico comparativo entre os discursos televisivos das Igrejas Universal do Reino de Deus e Católica Apostólica Romana no Brasil. 2009. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

KIDNER, D. *Salmos*: introdução e comentário aos Livros I e II dos Salmos. São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, 1980.

MACHADO, D. de S. *Ethos e identidade no discurso religioso fundador*: uma abordagem semiótica do *corpus paulinum*. 2022. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2022.

POSTAL, J. *Uma imagem caleidoscópica de Jesus*: o ethos de Cristo depreendido dos evangelhos canônicos. 2010. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2010.

RAMOS, K. A. H. P. *Análise semiótica da narrativa bíblica “a prova de Abraão”*. 2004. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2004.

SILVA, S. M. R. da. *Discurso da divulgação religiosa*: semiótica e retórica. 2011. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

SILVA, S. M. R. da. *O discurso da divulgação religiosa materializado por meio de diferentes gêneros*: dois *ethé*, duas construções do Céu e da Terra. 2007. Tese (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.